

10-2017

## Viver no meio dos pobres

José Manuel Sabença

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

Sabença, J. M. (2017). Viver no meio dos pobres. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol27/iss27/63>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

famílias ficavam na aldeia. E só as visitavam de vez em quando. Uns mais frequentemente, outros menos, conforme as distâncias.

O Apartheid já acabou, oficialmente, mas os hostels continuam cheios, muito mais cheios do que no passado. Mas com uma grande contradição: foram construídos para alojar os trabalhadores, mas agora uma grande maioria dos que lá vivem são desempregados. A recessão económica que tem atravessado o país só tem agravado a situação, tendo trazido muita gente para as cidades na esperança de encontrar trabalho – o que na maioria dos casos não acontece. Quando há desemprego e a esperança e a vontade de lutar vai rareando, então para muitos o único refúgio é a bebida.

No passado, os hostels eram regidos por normas bastante rígidas. As esposas, ou outras mulheres, não podiam viver com os maridos. Hoje, dada uma certa falta de controlo, há muitas mulheres que vivem com os seus maridos nos hostels, mas em condições degradantes. A tal ponto que o mesmo quarto, previsto para albergar 4 homens, hoje alberga 4 homens e 4 mulheres e algumas crianças. É surpreendente como num espaço tão pequeno pode caber e viver tanta gente. É desolador ver a falta de privacidade e de respeito pela integridade de cada um.

Há hostels que pertencem a empresas privadas, para os seus trabalhadores. Aí o controlo é muito mais rígido e as esposas só têm licença de visitar os seus maridos e ficar com eles por um certo período de tempo.

Há hostels enormes e outros mais pequenos. No hostel Glebe, por exemplo, vivem mais de 20 mil homens. Ao todo, estima-se que mais de 120 mil homens vivem em hostels, só na área de Durban, Também há um hostels só para mulheres. Foi construído para alojar 750 mulheres. Actualmente vivem lá mais de 2 mil. Muitas nem sequer têm uma cama, num quarto. Vivem num barracão, género alpendre e dormem numa esteira.

*'Ação Missionária', Abril de 1993, p. 2.*

## VIVER NO MEIO DOS POBRES

É neste ambiente, marcado por uma certa violência, que os 3 jovens Espiritanos se começam a mover. Ser missionário é fazer uma opção pelos pobres. Mas escolher os pobres não é só uma questão de sair, cada dia do nosso mundo, e passar algumas horas testemunhando no meio deles a riqueza do

Evangelho. Mais do que isso: é viver no meio deles, partilhar das suas tristezas e alegrias e testemunhar pela presença e pela vida que Deus os ama de modo particular. Conscientes disto, a comunidade espiritana insistiu e pediu ao bispo da diocese um local para viver que se aproximasse o máximo possível desta necessidade de inserção no meio daqueles a quem são enviados. Fruto dessas negociações e da acção do Espírito, estão colocados numa pequena paróquia negra, bem próxima de 3 grandes hostels. Serão os primeiros brancos a viver naquele bairro negro, quando terminarem as obras da sua casita que estão prestes a começar.

Embora a situação dos hostels tenha merecido a atenção de alguns membros da Igreja local, pode-se dizer que quase ninguém fez nada de concreto para testemunhar o Evangelho no meio deste ambiente humano. Por isso, pouca foi a ajuda que a comunidade espiritana pôde receber da experiência de outros missionários ou padres diocesanos, no passado. Praticamente, foi começar do zero, tanto na língua que ainda continuam a aprender, como nos primeiros contactos, em cada um dos hostels que já visitaram.

Os primeiros contactos são sempre difíceis. Para já é coisa muito rara ver brancos pelos hostels. Por isso quando nós aparecemos a primeira reacção é sempre de desconfiança. À primeira vista somos considerados membros da polícia que, por estas terras, não tem nada boa fama. E isso, apesar de sempre irmos vestidos à padre, com cabeção. Uma vez, fomos procurar por um senhor, ao seu local. À porta alguém nos disse: 'Não conheço'. Segundos depois apareceu o senhor que procurávamos que, por sinal, vive no mesmo quarto em que vive aquele que nos disse não o conhecer.

Mas de uma maneira geral, desfeito o gelo inicial, é com satisfação que conversam connosco e que nos aceitam. No hostel Glebe, onde até agora temos estado mais activos, foi com agradável surpresa que muita gente nos convidou para rezar com eles, nos seus quartos. E, como os pobres sempre têm algo para dar, muitas vezes depois da oração, nos oferecem algo para beber. E aí de nós se recusássemos! Também neste hostel encontramos um grupo de mais de 100 pessoas, sobretudo mulheres e crianças, que há mais de um ano abandonaram as suas casas para fugir à violência. Estes refugiados vivem agora em duas salas à espera de encontrar um pouco mais de espaço e de condições noutra local. Apesar da dureza da sua vida, sentimos quanto Deus é importante para eles. Da oração com eles e de algo mais que partilhamos com eles, comida e roupas, surgiu um ambiente de amizade onde talvez possa germinar a esperança de um futuro melhor.

De todos aqueles que temos encontrado são pouco os católicos, mas são muitos, senão quase todos, os que acreditam em Deus. Daí que quando rezamos, o procuremos fazer sem discriminação e com respeito pelo modo

como eles rezam ou louvam a Deus. O diálogo e o ecumenismo parece ser o caminho a seguir nesta nossa presença e testemunho. Há tempos atrás, no mesmo hostel Glebe, fomos convidados por um grupo de cristãos a participar na sua reunião de oração. Mais de 40 homens, todos bem vestidos e de gravata, se reuniram para ouvir a palavra de Deus. É certo que o faziam de uma maneira um pouco excêntrica, com muita repetição de Amém e Aleluia, a tempo e a fora de tempo, mas não deixou de ser interessante ver como Jesus Cristo pode ser uma referência importante na vida daqueles homens. E foi com muita reverência e respeito que ouviram aquilo que partilhamos com eles acerca da palavra de Deus.

A grande aposta da comunidade espiritana a trabalhar neste ambiente tem sido, e continuará a ser, visitar, contactar, ser um sinal nem que esse sinal mais não seja do que um sorriso e um bom dia ou boa tarde. Estamos numa fase dos sentidos: ver, ouvir e sentir. Ver como vivem, ouvir o que falam e pensam, sentir o que eles sentem. A Missão que nos está confiada não é uma missão que cresce do dia para a noite. Preparar o terreno para a sementeira leva muito tempo, sobretudo se o terreno já não foi tratado há muito tempo. O grande adubo de que precisamos é ganhar a confiança destes homens. Pela nossa franqueza, amizade e respeito queremos levá-los a acreditar que estamos no meio deles para com eles crescermos juntos para Deus e construirmos, em conjunto, o reino de Deus já neste mundo.

...

## **SOMOS OS PRIMEIROS BRANCOS A VIVER NAQUELE BAIRRO**

A Nova África do Sul está em gestação. O que será, como será só o futuro nos pode elucidar. A conferência Episcopal em recente carta pastoral apresenta a sua confiança e esperança num futuro democrático em que os 37 milhões de sul africanos, brancos, negros, mestiços e indianos escolherão pelo voto simples aqueles que conduzirão o país no futuro. Embora o futuro seja de esperança há muitas sombras que encobrem o horizonte democrático que se começa a vislumbrar. O desemprego é enorme. O êxodo para as cidades é impressionante. Cerca de 66% da população negra que são 25 milhões vive nos arredores das grandes cidades, outrora lugar unicamente para brancos. Cerca